

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE DESIGN

JOSÉ RICARDO DE LIMA

**PAPANGUS DE BEZERROS: A TRADUÇÃO DA IMAGEM,
MATERIALIZADA EM FANTASIAS E MÁSCARAS**

CARUARU/PE

2017

JOSÉ RICARDO DE LIMA

**PAPANGUS DE BEZERROS: A TRADUÇÃO DA IMAGEM,
MATERIALIZADA EM FANTASIAS E MÁSCARAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel
em Design.

Orientadora: Prof^a. Dra. Nara Rocha

CARUARU

2017

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 1242

L732p Lima, José Ricardo de.
Papangus de Bezerros: a tradução da imagem materializada em fantasias e máscaras. / José Ricardo de Lima. – 2017.
70f. ; il. : 30 cm.

Orientadora: Nara Oliveira de Lima Rocha.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Design, 2017.
Inclui Referências.

1. Design. 2. Cultura material. 3. Trajes de carnaval. 4. Papangus. 5. Carnaval – Bezerros (PE). I. Rocha, Nara Oliveira de Lima (Orientadora). II. Título.

740 CDD (23. ed.)
UFPE (CAA 2017-364)

JOSÉ RICARDO DE LIMA

**“PAPANGUS DE BEZERROS: A TRADUÇÃO DA IMAGEM, MATERIALIZADA
EM FANTASIAS E MÁSCARAS”.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao
Curso de Design do Centro Acadêmico
Agreste da Universidade Federal
Pernambuco para a obtenção
título de bacharel em Design.

Aprovado em: 14/12/2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr. Nara Oliveira de Lima Rocha (Orientador)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr. Andrea Barbosa Camargo (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Eduardo Romero Lopes (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho a minha mãe

Eunice Maria pelo incentivo, diário, amor incondicional, pelo exemplo de força, fé e paciência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por iluminar meus pensamentos e acalmar meu coração nos momentos de desespero. Agradeço aos meus amigos e familiares, que sempre foram um apoio e serviram de incentivadores todas as vezes que desanimei. Obrigada por todo amor e carinho. Agradeço à mestre Lula Vassoureiro por sua gentileza, Robeval Lima, Solange e Marcos, por fornecerem um pouco da sua memória fotográfica para que fosse possível a realização desse trabalho. Cristian, companheiro de conversas, que sempre incentivou e escutou com toda paciência. Obrigado pela compreensão. Agradeço a Anielly, a primeira pessoa que esteve comigo nessa jornada acadêmica. Agradeço à Profª Drª Nara Rocha, pelo apoio, disponibilidade, paciência, inúmeros e-mails e suporte ao longo desses dois semestres. Aos professores que auxiliaram no meu crescimento como pessoa e profissional. Andréa Costa por despertar em mim o prazer pela pesquisa. Meu muito obrigado. Ao grande amigo Júnior, por sempre incentivar e mostrar que TCC não é um monstro.

.

.

“Nem todos os que vagueiam estão perdidos.” – J.R.R. Tolkien

RESUMO

O presente trabalho dedica-se ao estudo e análise das fantasias dos Papangus de Bezerros, revelando aspectos da cultura local durante um determinado período da história. Apoiado nas análises realizadas por Daniel Miller (2013), onde os artefatos não fazem apenas parte do contexto material, mas um diálogo com a sociedade em que estão inseridos. O questionamento entre pessoa e coisa, animado e inanimado, sujeito e objeto, nos leva a uma apreciação mais profunda das pessoas e suas relações com a materialidade. Utiliza-se dessa metodologia para descrever a evolução desses artefatos têxteis e artesanais. O ciclo carnavalesco tem grande destaque no calendário e na vida do brasileiro. É durante esse período que os desejos, sonhos e irreverência ganham palco e alma. É nesse contexto que os Papangus de Bezerros ganham força e transformam a cidade em um dos principais centros de animação do estado. Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa é importante por ser única em seu principal objetivo. Existem outras pesquisas abordando a origem do principal personagem do evento, o Papangu, entretanto, nenhuma teve como foco principal a análise da evolução dos trajes como elemento da construção da identidade do personagem, revelando aspectos da cultura de uma localidade em um determinado período. Os resultados das análises indicaram como o folião se mostra para o mundo, revelando sua relação com o mundo.

Palavras-chave: Cultura Material. Design. Fantasia. Papangu. Bezerros.

ABSTRACT

This research is dedicated to the study and analysis of the fantasies of the Papangus de Bezerros, revealing aspects of the local culture during a certain period of history. Supported by Daniel Miller (2013), where the artifacts are not only part of the material context but a dialogue with the society in which they are inserted. The questioning between person and thing, animate and inanimate, subject and object, leads us to a deeper appreciation of people and their relation to materiality. This methodology is used to describe the evolution of these textile and craft artifacts. The carnival cycle has a great prominence in the calendar and life of the Brazilian. It is during this period that desires, dreams and irreverence gain stage and soul. It is in this context that the Papangus de Bezerros gain strength and transform the city into one of the main centers of animation of the state. From the academic point of view, research is important because it is unique in its primary purpose. There are other researches addressing the origin of the main character of the event, the Papangu, however, had as its main focus the analysis of the evolution of costumes as element of the construction of the identity of the character, revealing aspects of the culture of a locality in a determining period. The results of the analyzes indicated how the revelry shows itself to the world, revealing its relation with the world.

Keywords: Culture Material. Design. Costume. Papangu. Bezerros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Festa em homenagem ao deus do vinho.....	15
Figura 2- Pieter Bruegel – O combate do Carnaval e a Quaresma.....	17
Figura 3- Carrus navalis.....	18
Figura 4 - Figura 4- Pieter Bruegel – O país da Cocanha	20
Figura 5- Commedia dell'arte,.....	21
Figura 6- O jogo do Entrudo	22
Figura 7- Entrudo Popular- Caranaval metade do séc. XIX.....	23
Figura 8- Carnaval de Veneza	27
Figura 9- Mapa cidade de Bezerros.....	28
Figura 10- Papangus no domingo de Carnaval.....	29
Figura 11- Máscara e papel machê.....	30
Figura 12- Máscara de coité.....	31
Figura 13- Máscara tradicional.....	32
Figura 14- Evolução das máscaras.....	33
Figura 15- Farricoco.....	34
Figura 16- Papangu anos 60.....	36
Figura 17- Papangu Releitura	38
Figura 18- Papangu 1954.....	38
Figura 19- Papangu 1985.....	39
Figura 20- Identidades.....	40
Figura 21- Clóvis.....	42
Figura 22- Papangus utilizando mascaras influenciadas pela estética do Clóvis.....	42
Figura 23- Linha do tempo.....	43
Figura 24- Papangu rural.....	46
Figura 25- Caftas em 1985.....	47
Figura 26 - Surge o Papangu evolução.....	48

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1.Objetivo Geral	12
1.2.Objetivos Específicos	13
1.3.Justificativa	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1.A Origem do Carnaval.....	15
2.2. O Carnaval e a Igreja Católica.....	19
2.3.Commedia del Art.....	20
2.4. O começo do Carnaval no Brasil.....	21
2.5. O Carnaval: como mediação cultural e social.....	24
2.6. Das fantasias e máscaras.....	25
2.7.Máscaras – Ser /Objeto.....	28
2.8.A origem das máscaras de Papangu.....	30
2.9. Papangu das brincadeiras e influências.....	40
2.10. Da criação do mito.....	42
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
4. ANÁLISE DAS IMAGENS: AS FANTASIAS DOS PAPANGUS COMO PARTE DO CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E SOCIAL DE BEZERROS.....	49
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	70

1 INTRODUÇÃO

A cada ano, durante o ciclo carnavalesco, é nítida a necessidade de preservação das culturas locais, onde os foliões utilizam da malandragem, sensualidade, bom humor e até de reivindicações para transformar esses três dias na maior expressão do povo brasileiro, trazendo consigo importantes elementos históricos e culturais valorizando cada vez mais a imagem local e reforçando o caráter de evento festivo mais importante do país. Segundo ARAÚJO (1996: 19):

O Carnaval é comumente definido como a festa da confraternização universal, a festa da democracia social e racial, que une e iguala a todos: brancos e pretos, ricos e pobres. Esta pressuposta universalidade da festa, capaz de destruir as diferenças e desigualdades culturais internas, de unificá-las e de promover a integração social, possibilitou sua conversão em símbolo da identidade nacional.

Para que os devaneios do carnaval aconteçam, se faz necessário a imersão no universo repleto de mistério característico dos seres que munidos de trajes e máscaras te convidam para esse tempo de sonho, de transformar os desejos em realidade, de extrapolar a persona que durante o ano dorme em você.

Conforme Damatta (1997), “as fantasias carnavalescas criam um campo social de encontros e de mediação, pois não levam em considerações as diferenças, todos estão ali para brincar”.

Com o estudo sobre a função e evolução das fantasias do Papangu, encontramos importantes aspectos na construção da memória cultural da localidade. As análises e as reflexões sobre a utilização do traje por mais de um século de tradição e a importância desse personagem como símbolo de uma manifestação que reforça o fenômeno sociocultural expressivo.

Esse trabalho é resultado de pesquisas bibliográficas e históricas de imagens e peças encontradas no Museu do Papangu, acrescidas de acervos particulares pertencentes aos foliões.

Segundo a EMPETUR (2016), “em 2016 aproximadamente 300 mil foliões passaram pelo local nos 3 principais dias de folia. Contando com três polos de animação e mais de 70 blocos espalhados por bairros e ruas da cidade”.

O ponto alto da festa é o domingo de carnaval, com a saída do Bloco dos Papangus, onde os mascarados se misturam a milhares de turistas numa explosão de irreverência, cores, personagens e muito mistério.

No carnaval usamos das fantasias e máscaras para realçarmos as situações do cotidiano, e transformá-las e pura diversão, magia e quebra de padrões sociais. Em Bezerros o mascarado sendo o principal atrativo e anfitrião da festa, conduz o folião a um universo repleto de “personas”.

Conforme Goffman, (1975, p. 53), “difícilmente haverá uma representação em qualquer área da vida, que não conte com o toque pessoal para exagerar o caráter de ineditismo das transações entre ator e plateia, no carnaval”. Durante esse curto período, o uso da fantasia representa um personagem nos dias de folia, personagem este que permite o folião a soltar a sua imaginação e ser quem ele deseja.

Talvez um dos grandes desafios de realizar uma pesquisa desse nível, seja a dificuldade em conseguir registros fotográficos onde a cronologia sirva de fio condutor. Há grandes lacunas e poucos registros, pesquisas e material escrito que sirvam de apoio para o desenvolver da pesquisa. Como dados históricos e muitos relatos pessoais, temos na tentativa de uma linha do tempo sobre o surgimento e disseminação dos Papangus, várias versões que divergem entre si. Neste estudo, tentaremos apresentar as encontradas na pesquisa de campo, utilizando registros escritos. Se faz necessário citar as divergências entre os poucos registros escritos e os relatos por parte dos cidadãos mais velhos da localidade, nos quais não há um consenso entre a origem do mascarado.

1.1.Objetivo Geral

Esperando que este trabalho contribua para o fortalecimento da imagem e construção da figura do Papangu, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as fantasias de carnaval como peças figurativas do contexto histórico, cultural e social de uma localidade.

1.2.Objetivos Específicos

- Identificar como as mudanças históricas, sociais e culturais são representadas nas fantasias de carnaval;
- Estudar a história da cidade e as modificações das peças ao longo de um período;
- Analisar as imagens das fantasias dos Papangus produzidas em Bezerros como artefatos da cultura local.

1.3.Justificativa

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa é importante por ser única em seu principal objetivo. Encontramos outras pesquisas como artigos científicos, publicações de historiadores, livros e revistas especializadas, jornais de décadas passadas, revistas sobre turismo e cultura, abordando a origem do principal personagem do evento, o Papangu, entretanto, nenhuma teve como foco principal a análise da evolução dos trajes em um determinado período da história, bem como a influência de eventos sociais, políticos e históricos. A partir desta perspectiva justifica-se a necessidade de desenvolver essa pesquisa, não para provar qual a real origem do mascarado em Bezerros, mas para reforçar a importância dos Papangus na construção de uma imagem. A fantasia como artefato é um produto de um grupo, refletindo o seu nível de desenvolvimento técnico e sua cultura. Criando comportamentos e afirmando identidades sociais. O traje reflete todo o processo de fabricação, sua relação com o indivíduo e a materialização dos seus desejos.

Pretendemos, com este trabalho, apresentar à comunidade acadêmica alguns aspectos da sociedade, através de uma manifestação cultural e artística, que representa uma localidade, revelando observações sobre suas práticas, evolução e das possibilidades de agir na construção de uma identidade através da utilização de objetos produzidos como partes da sua existência. O carnaval por ser uma festividade muito popular no Brasil e especialmente em Bezerros, por atrair tantos turistas, é um objeto de estudo rico para compreendermos as mudanças culturais.

BAKHTIN (1968, p.7), descreve o Carnaval como um fenômeno que pertence à “fronteira entre a arte e a vida”. Um misto de experiências compartilhadas por atores e expectadores, onde ambos se beneficiam do momento, de um palco repleto de desejos e representações dos sonhos ou da realidade mascarada.

Nossa pesquisa objetivou fazer uma análise dos aspectos materiais das fantasias dos Papangus, buscando levantar as características históricas da cultura em determinado tempo-espaço. Assim, foram feitos recortes, analisamos imagens, fantasias entre os anos 80, 90 e 2000. Entrevistas com artesãos, artistas plásticos, Secretário de Cultura, foliões e escritores de Bezerros. Foram realizadas seis visitas ao museu dedicado exclusivamente ao principal personagem do carnaval de Bezerros Papangu, três visitas ao atelier do mestre Lula Vassoureiro, pesquisamos na Biblioteca municipal e no Museu da Estação Ferroviária, acervos particulares de historiadores e pessoas que dedicaram décadas a vivenciar a cultura dos mascarados. O acervo do museu nos forneceu aproximadamente 100 fotografias e 20 trajes que estão expostos, de acervos particulares tivemos acesso a 80 fotografias, três portfólios e inúmeros álbuns distribuídos por várias redes sociais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A origem do Carnaval

Ao pesquisarmos sobre a origem do Carnaval, temos que apresentar como esta festividade modificou-se ao longo dos séculos, surgindo da questão religiosa até torna-se uma festa popular e sua representatividade para o povo brasileiro.

Segundo Araújo (2000, p.15), o “Carnaval tem suas raízes nos festejos agrários que celebravam os deuses da Fecundidade no Egito e no próprio Oriente cerca de quatro mil anos a.C.”. Segundo o autor na Babilônia, por exemplo, as Sáceas eram festas que duravam cinco dias; marcados pela licença sexual e pela inversão dos papéis entre servos e senhores, como também pela escolha de um escravo real que era sacrificado no final da celebração. Na figura 1, a ilustração demonstra a representação das festas na Grécia antiga, que eram dedicadas a Dionísio. Na Fenícia se celebrava a deusa da Fecundidade Astarte e seu divino amante Adônis.

Figura 1- Festa em homenagem ao deus do vinho, Grécia antiga.



<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/pimage/carnaval3.jpg> > Acesso em set. 2016.

Conforme Araújo (2000), “na Antiga Roma tais festas tomaram o nome de Saturnais, pois Saturno era o deus da agricultura dos antigos romanos”. Em 198 o Senado Romano censurou as Saturnais, pois geravam desordem e escândalos; os Lupercos, sacerdotes

do deus, saiam nus dos templos, banhados em sangue de cabra, depois eram lavados com leite, cobertos por uma capa de pele de bode, e perseguiam as pessoas pelas ruas, batendo-as com uma correia, Suetônio refere que, por ocasião das Saturnais, os escravos podiam dizer verdades aos seus senhores, indo até ao extremo de ridicularizá-los como bem quisessem.

A história descreve ao longo de milênios sobre as mais variadas formas de celebrar e festejar os deuses e a agricultura. Em praticamente todas há o exagero de comidas, bebidas e danças. Algumas em templos outras em lugares abertos, mas o certo é que as festas a ao livre sempre tinham o poder de reunir mais pessoas. Segundo Pimentel (2002), “acreditasse que os primeiros festejos mais próximos do que conhecemos como carnaval foram festividades no Antigo Egito, festas dedicadas a Iris e o Boi Apis”. Outra teoria levantada por ele são as festas para os deuses na ou Baco, os bacanais como ficaram conhecidos.

No início o carnaval não agradava a todos, principalmente a igreja que durante anos foi intolerante a maneira como as pessoas se comportavam e os exageros praticados durante esse período. De acordo com Araújo (2000), “foi o bispo de Roma, Gregório I, o grande, que em 590 regulamentou as datas do carnaval, criando a expressão “Dominica ad carne levandas”, que foi sucessivamente sendo abreviada até a palavra Carnaval.

De acordo com Damatta (1997), “é, por certo, a única festa do nosso calendário que tem necessariamente muitas definições, todas parciais e todas razoavelmente coerentes”.

De acordo com Ferreira (2004), “a história começou no ano de 604 quando o papa Gregório I deliberou que, num determinado período do ano, os fiéis deveriam deixar de lado a vida cotidiana para, durante um certo número de dias, dedicarem-se exclusivamente às questões espirituais”. Todo esse evento durava em torno de quarenta dias, lembrando os quarenta dias de jejum e provas passadas por Jesus no deserto antes de iniciar o seu ministério apostólico. Ferreira (2004), o período ficou conhecido com o nome de “quadragésima” ou “quaresma”. A usança foi-se espalhando, até que no ano de 1901, época do papa Urbano II, foi realizada uma reunião dos representantes da Igreja – chamada de Sinodo de Benevento – na qual se decidiu, entre muitas outras coisas, que estava na hora de escolher a data oficial para o período da Quaresma. O primeiro dessa sequência de dias passa a ser chamado de Quarta-feira de Cinzas, em vista do costume, que até hoje perdura, de se marcar a testa dos fiéis com uma cruz feita com as cinzas de uma fogueira, em

sinal de penitência. A partir daí, estava legalmente decretado que durante os quarenta dias de privações os fiéis deveriam esquecer os prazeres da vida material e dedicar-se a elevar seu espírito a Deus e a meditar sobre Cristo e sua ressurreição, que seria festejada no fim da Quaresma, no domingo de Páscoa. Com o passar do tempo o carnaval tornasse um evento importante entre os povos principalmente da Europa, onde bailes de mascaras tornam-se cada vez mais comuns na França e na Itália.

BAKHTIN (1993, p.04) aponta em suas observações sobre a obra de Rebelais a importância sobre o carnaval durante a Idade Média: “Os festejos do carnaval, com todos os atos e ritos cômicos que a ele se ligam, ocupavam um lugar muito importante na vida do homem medieval”. Nesse instante o homem da Idade Média participava de duas vidas, de dois mundos, um piedoso representado pela quaresma o outro cômico representado pelo carnaval.

Como vemos na figura 2, A luta entre o Carnaval e a Quaresma, 1559, o pintor flamengo Pieter Bruegel, fez o mais importante registro plástico da dualidade existente durante esse período da história.

Figura 2- Pieter Bruegel "O Combate do Carnaval e a Quaresma



http://artenarede.com.br/blog/wp-content/uploads/2015/02/Carnaval_pieterbruegel.jpg > Acesso em ago. 2016.

Assim como o teatro, no carnaval cria-se um campo social de encontros e trocas onde todos estão ali para divertir e brincar. Goffman, (1975, p. 33), fala que “... há uma grande

quantidade de números diferentes (de condutas) partindo de um pequeno grupo de fachadas”. Os participantes se apropriam dos diferentes papéis sociais e desempenham as mais diversas ações utilizando-se das mesmas fachadas, brincantes e anônimos que constroem nos três dias de festejos um palco em plena rua.

De acordo com Damatta (1997, p.32), “... brincar significa literalmente ‘colocar brincos’, isto é, unir-se e suspender as fronteiras que individualizam os grupos, as categorias e as pessoas”. As fantasias carnavalescas criam um campo social de encontro e de mediação, pois não obstante as diferenças todos estão ali para brincar.

Segundo Araújo (2000, p. 34) “a origem pagã do nome é “*carrus navalis*”- carro usado nas festas dionisíacas que corresponde, remotamente, aos carros alegóricos”. Mais tarde em 1545 o termo “*carnis nevale*” ou “carne Vale”, o adeus a carne e oficializado como a celebração anterior ao jejum da quaresma.

Como vemos na figura 3, a ilustração *Carrus navalis* (1413 – 1494) , do artista Sebastian Brant’s, demonstra a representação da alegoria.

Figura 3 -*Carrus navalis* (1413 – 1494) for Sebastian Brant's work



Fonte: carnaxe.com.br

Segundo a Grande Enciclopédia Larrousse Cultural: ...no latim medieval *carnelevarium*, *carnilevaria*, *carnilevarem*, véspera de Quarta-Feira de Cinzas, tempo em que se iniciava a abstinência da carne. No dicionário Houaiss (2009) temos a seguinte definição: ...do latim clássico *carnem levare* (...) fixa-se no italiano *carnevale* (séc. XIV) e daí

no francês *carneval* (1552) carnaval (1680), passando às demais línguas europeias ainda no século XVII. O primeiro elemento vem do latim caro, *carnis* (=carne), e o segundo elemento vem do verbo latino *levare* (=tirar, sustar, afastar). Há quem suponha que a segunda parte do vocábulo pertença ao domínio popular, do latim *vale* (=adeus); daí *carnevale* (=adeus à carne).

2 2 Carnaval – A Igreja e a Folia

Muitos pesquisadores e estudiosos acham irônica e absurda a seguinte afirmação : quem “inventou” o Carnaval foi a Igreja Católica. Para ARAUJO (2003) e FERREIRA (2005), a Igreja apenas assumiu o controle da comemoração, e fez o que pode para depurar a permissividade igualitária dos carnavais. Na Idade Média, o festejo virou encenação litúrgica, corridas, disputa de cavaleiros e batalha urbana. Ocupando um lugar de destaque na vida do homem da Idade Média.

Conforme Araújo (2003, p.19), “quando o cristianismo chegou já encontrou as festas, ditas orgiásticas, em uso nos povos. Por seus caracteres libertinos e pecaminoso, foram logo a princípio condenadas pela Igreja”. Para Ferreira (2004), “a história começou no ano de 604 quando o papa Gregório I deliberou que, num determinado período do ano, os fiéis deveriam deixar a vida cotidiana para, durante um certo número de dias, dedicarem-se às questões espirituais”. O período chamado de “quadragésima” ou “quaresma”, onde os fiéis deveriam esquecer os prazeres da vida e dedicar e levar seu espírito. A Igreja orientava os fiéis a comerem carne à vontade antes da quaresma - o que deu origem aos banquetes chamados “carnevale” ou “adeus à carne”. Surge assim o termo para definir o período do ano onde a comilança, danças e o exagero eram permitidos: Carnaval.

Na figura 4, O país da Cocanha (1567), do artista- Pieter Bruegel , retrata a utopia medieval, um universo em que tudo pode, um mundo perfeito , onde era proibido proibir.

Figura 4- Pieter Bruegel – O país da Cocanha (1567)



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cocanha#/media/File:Schlaraffenland.jpg> > Acesso em out. 2016.

2 3 A Commedia dell'arte

Considerado por Araújo (2003), “como um dos maiores centros de excelência do carnaval, Veneza na Itália , irradiou para o mundo o que muitos consideram o modelo de carnaval que hoje identifica a festa: mascarados , fantasias e desfiles” .

Segundo Ferreira (2004, p.44), “nos séculos que se seguiram ao Renascimento, as grandes festas oficiais que aconteciam durante os dias de Carnaval tornavam-se cada vez mais sofisticadas”. O mais notável modelo dessa nova forma de brincar era o de Veneza, bailes e óperas cada vez mais luxuosos eram organizados. Um dos grandes marcos no carnaval de Veneza foi o surgimento das máscaras que hoje conhecemos. Embora máscaras já fossem usadas desde pelo menos o século XI no carnaval veneziano, mas sob influência do teatro italiano, mais especificamente a Commedia dell'arte, as máscaras e fantasia se popularizaram e espalharam pela Europa.

Na figura 5, observamos a representação da Commedia dell'arte, com seus personagens e seus respectivos trajes , que durante séculos inspiraram foliões .Para Ferreira (2004, p.47), “com o sucesso desse tipo de teatro na França, não tardou para que os personagens fossem incorporados às fantasias dos bailes mascarados de Paris”. O trio Pierrô, Arlequim e Colombina com o tempo conquistam os festejos e tornam-se quase símbolo do Carnaval.

Figura 5: Commedia dell'arte



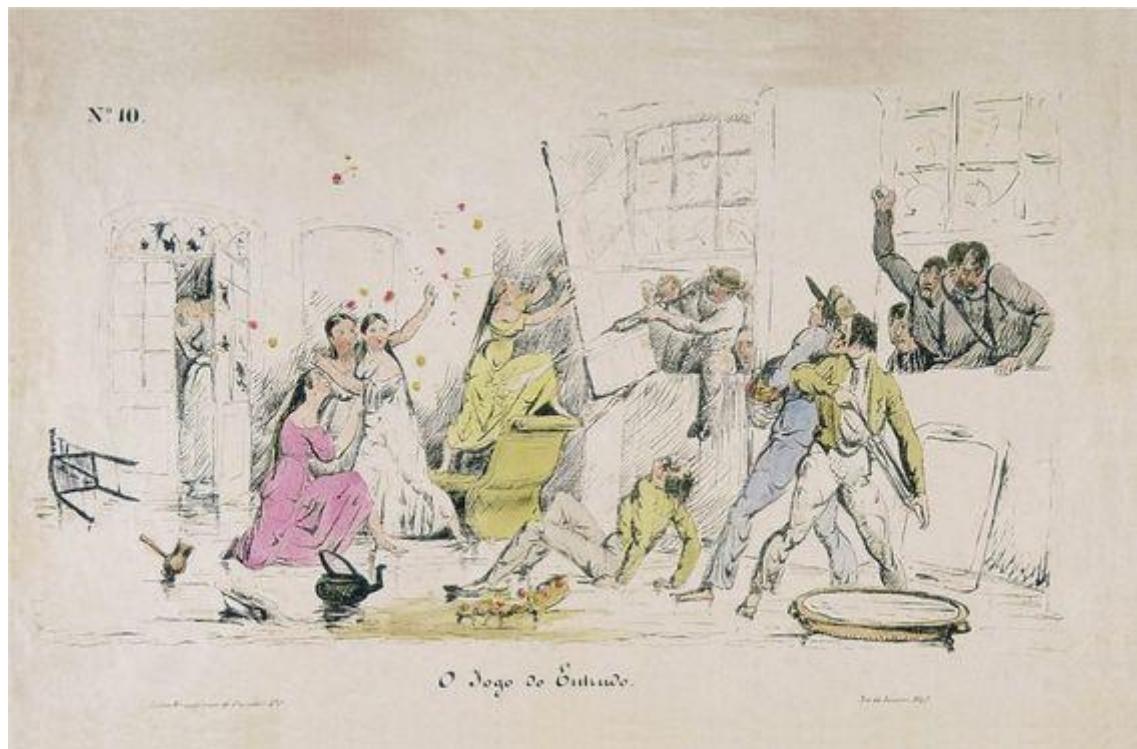
Fonte: <http://erikaalmeidafenix.blogspot.com.br/2016/06/commedia-dellarte-teatro-italiano.html>> Acesso em out. 2016.

2 4 O Começo do Carnaval no Brasil

As comemorações carnavalescas no Brasil remontam ao século XVI com os primeiros colonizadores, pouco a pouco o entrudo¹ começou a ser proibido por suas violentas práticas. Com o passar do tempo, o entrudo que já era considerado ultrapassado e com a necessidade de se livrar do passado português, procurou se nos bailes de máscaras de Paris um novo modelo de carnaval que logo foi adotado pela sociedade, temos a ilustração de Frederico Guilherme Briggs de 1840 apresentando o entrudo, figura 6. Segundo Ferreira (2004, pag. 79): “as referências à obediência, às restrições alimentares da Quaresma no Brasil e ao dia do Entrudo permitem supor que algum tipo de festividade já acontecia por aqui em 1533, no período de Carnaval”.

¹ Trazido pelos Portugueses, tinha como característica a brincadeira de sujar uns aos outros com polvilho, pó de sapato ou farinha de trigo e de atirar limões -de- cheiro em familiares e vizinhos.

Figura 6- O jogo do Entrudo - Frederico Guilherme Briggs, 1840.



Fonte– Museu Imperial / Ibram / MinC > Acesso em nov. 2016.

Segundo Ferreira (2004, p. 74), “embora considerado no século XIX um divertimento brutal e incivilizado – além de condenado por seus efeitos nefastos -, o chamado jogo do Entrudo seria, por muitos anos a forma mais difundida de brincar o Carnaval no Brasil”. Apesar de muito bem adaptado ao Brasil, esse tipo de comemoração tinha muitas variações conforme o local e a casa que ocorria. Para Ferreira (2004, p. 81), “nas famílias mais abastadas a brincadeira tendia a ser mais civilizada.

Observando a figura 7, uma gravura de Debret- Carnaval metade do séc. XIX , o Entrudo Popular, a representação do que seria o pai do carnaval de rua no Brasil, mais tarde bastante condenado e ao poucos substituído pelas festas nos salões.

A medida em que a posição social do grupo afastava-se da elite o jogo tornava-se mais agressivo e mais próximo do Entrudo popular”. Damatta (1997, p.97), coloca a questão: “no carnaval, quem é o dono da festa?” Concluindo logo em seguida: “Respondendo a questão, falamos que ‘cada qual brinca como pode’, pois o carnaval é de todos”. Para Damatta (1997), “o momento expõe o desejo da população de todas as esferas sociais de participarem da festividade e cada grupo apresentar suas brincadeiras, fantasias e modos de celebrar”.

Figura 7- Gravura de Debret- Carnaval metade do séc. XIX (Entrudo Popular)



Fonte: <http://musicabrasilis.org.br> jpg > Acesso em jan. 2017.

Ferreira (2004), destaca que o carnaval no Brasil, passou por três fases:

-Primeira fase: o entrudo familiar, na época do Brasil colônia, foi a adaptação do entrudo português, como a grande festa da família . Participação ativa dos jovens, principalmente as mulheres.

- Segunda fase: os bailes de máscaras, a fase do carnaval burguês , seguindo os padrões dos salões franceses, mais tarde os desfiles de agremiações e blocos surgem obedecendo as transformações sociais e o carnaval começa a tomar as ruas.

- Terceira fase: a massificação da sociedade urbana transforma desfiles de pequenos blocos e agremiações nas grandes escolas de samba e nos numerosos blocos de rua

2.5 O carnaval: como mediação cultural e social

Antes de analisar e discutir o carnaval como a característica mais marcante da nossa cultura e entender como essa festa contribui para o que chamamos de nossa identidade precisamos antes de tudo analisar o que viria ser uma identidade nacional.

Hall (2005) afirma que as culturas nacionais constituem uma das principais fontes de identidade da modernidade, ela é criada por meio da representação: “uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmo” (HALL, 2005, p.50).

Os eventos que antecedem a concentração de um bloco carnavalesco, o bloco em questão é o dos Papangus desperta o sentimento de pertencer aquela “nação”, fazendo uma comparação com o que Hall descreve como “narrativa de nação”, que “fornece uma série de histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação” (HALL, 2005, p. 52).

Uma das grandes características do carnaval é a inversão de papéis sociais e culturais, a quebra de padrões, a fantasia e o entretenimento. Bakhtin (1993), ainda sobre a obra de Rabelais aponta a importância da cultura popular como possibilidade de romper as barreiras sociais e partir da carnavalização, onde a cultura popular estabelece um diálogo com a classe dominante.

Essas tradições que são ditadas pelos costumes sofrem modificações ao longo do processo e do tempo, sendo necessária diversas formas de adaptação por parte do sujeito afim que essas tradições sobrevivam. Sendo assim necessária interação com outras culturas e outros indivíduos.

Segundo Laraia, (2001. p.103): “Cada mudança, por menor que seja, representa o desenlace de numerosos conflitos. (...) em cada momento as sociedades humanas são palco de embate entre as tendências conservadoras e inovadoras.” O eterno conflito entre o conservador x inovador tornar se uma ferramenta essencial para a mudança cultural, seja ela interna ou de costume.

O homem sempre se depara com a necessidade de questionar e modificar os hábitos muitas vezes provenientes de acontecimentos vividos no campo individual ou coletivo. Em Laraia (2001, p. 36/37), "cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou." Segundo o autor, como a cultura tem um caráter dinâmico, este segundo tipo de mudança, além de ser o mais estudado, é o mais atuante na maior parte das sociedades humanas. Pois é praticamente impossível imaginar a existência de um sistema cultural que seja afetado apenas pela mudança interna. Assim, conclui Laraia, "cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos". Sendo assim é fundamental para o sujeito a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes e como essas diferenças acontecem dentro do mesmo sistema. Sendo necessário para o novo sujeito enfrentar o constante e surpreendente mundo novo .

Essas mudanças servem para reforçar cada vez mais a fusão entre as distintas tradições, produzindo cada dia mais novas formas de expressão as quais chamamos de hibridismo. A globalização tem um papel importante no deslocamento das identidades, as nações são como comunidades imaginadas, que são perpetuadas pela memória do passado, pelo desejo de viver em conjunto e pela perpetuação da herança.

2 6 Das Fantasias e máscaras – comunicação simbólica

De acordo com Flüegel (1966, p.12), "as principais finalidades da roupa são: enfeite, pudor e proteção". Destas, a principal é a função do enfeite temos:

(...) a grande maioria dos estudiosos tem, sem hesitação, considerado o enfeite como o motivo que conduziu, em primeiro lugar, à adoção de vestimentas, e considera que suas funções de preservação da temperatura corporal e pudor, se bem que posteriormente tenham adquirido enorme importância, somente foram descobertas depois que o uso delas se tornou habitual por outras razões. (FLÜGEL, 1966, p. 12)

O ser humano sempre precisou de enfeites. Seja para se diferenciar, se destacar ou se identificar. Há também outro fato importante que Flügel identifica e que é a “ambivalência” referente a nossa necessidade de usar roupas: ao mesmo tempo que queremos esconder nossa vergonha, queremos também exibir nossos atrativos. Existindo assim um conflito entre sentimentos opostos. É do autor o seguinte pensamento:

As roupas, como artigos inventados para satisfazer as necessidades humanas, estão essencialmente na natureza de uma transação; são um expediente engenhoso para o estabelecimento de certo grau de harmonia entre interesses conflitantes. (FLÜGEL, 1966, p. 16).

Nos festejos de momo, há a necessidade de se transformar em outra pessoa, assumir outra identidade. Desde o início das civilizações, o homem sempre esteve envolvido em eventos que repletos de misticismo e ritos religiosos.

Segundo Ferreira (2004, p.19): “O uso de máscaras e disfarces era comum nas celebrações da antiguidade e representava uma forma de contato com o divino”. Sempre percebemos ao longo da história, diferentes rituais como cerimônias religiosas, bailes de máscaras e o próprio teatro que acabam excedendo a própria realidade e conduzindo o homem a outro universo.

A função universal da máscara é a de cobrir o rosto para impedir o reconhecimento. Também possui a função modificadora da voz humana, com o intuito de não denunciar a condição do mascarado, possuindo diversas formas e simbolismos. No carnaval de rua o disfarce e as máscaras, não celebram mais o divino, e sim a liberdade e a inversão dos papéis na sociedade.

Na figura 8, a beleza e o simbolismos das máscaras de Veneza, revelam e escondem a verdadeiro intensão de disfarçar e esconder. As máscaras revestem-se de uma riqueza simbólica ímpar, sua força e amplitude vão além do Carnaval. Independentemente de sua localização geográfica e temporal, aparece praticamente em todas as épocas e civilizações, indicando que seu uso estaria ligado às necessidades da vida cotidiana. Segundo BAKHTIN (1993, p.35)

A máscara traduz a alegria das alternâncias da identidade e do sentido único, a negação da coincidência estúpida consigo mesmo; a máscara é a

expressão das transferências das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais, da ridicularização, dos apelidos; a máscara encarna o princípio de jogo da vida, está baseada numa peculiar inter-relação da realidade e da imagem, característica das formas mais antigas dos mitos e espetáculos. O complexo simbolismo das máscaras é inesgotável.

Figura 8 - Carnaval de Veneza



Fonte: http://www.hoya.com.br/blog/wp-content/uploads/2014/03/800px-Maschere_carnevale_venezia.jpg > Acesso em jan. 2017.

Desde o início das civilizações o homem sempre esteve envolvido em cerimônias místicas e religiosas, onde existia a necessidade de assumir outra identidade. A fantasia exerce a função de complementar e enriquecer os personagens. Visualmente ela materializa personalidades e transmite mensagens muitas vezes ocultas e que não são ditas nos diálogos.

Segundo Ferreira (2004, p.19), “na Antiga Roma, dionisiacas, festejavam o deus Dionísio e eram marcadas por procissões de mascarados cobertos de pele e galhos, disfarçados de animais”.

A finalidade do enfeite, de acordo com Flügel (1966, p.15), “é embelezar a aparência física, de modo a atrair olhares admiradores de outros e fortalecer a autoestima”.

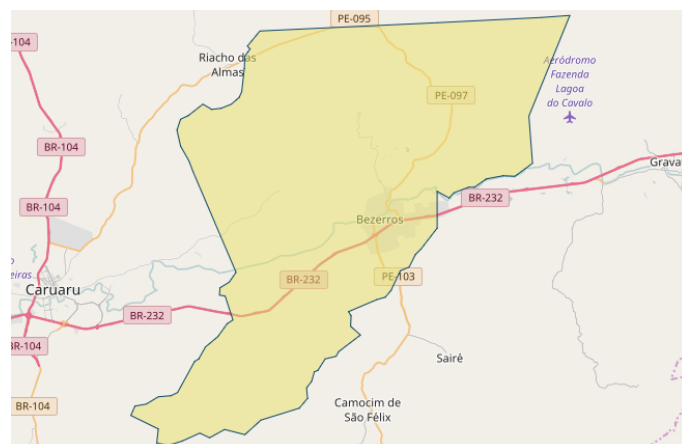
2.7 Máscaras- Ser/ Objetos

“[...] fantasia carnavalesca, revela muito mais do que oculta, já que uma fantasia, representando um desejo escondido, faz uma síntese entre o fantasiado, os papéis que representa e os que gostariam de representar”. (DAMATTA, 1997, p.61)

As fantasias promovem também, o encontro e confronto dos diferentes grupos sociais através da brincadeira citada por Damatta, (1997).

A cidade de Bezerros está localizada na região do Agreste Pernambucano, mais precisamente no Vale do Ipojuca, com um território de aproximadamente 545 km². A proximidade com a capital do Agreste, Caruaru, faz de Bezerros uma das cidades cortadas pela BR-232 que tem seu maior movimento de turistas durante os festejos juninos, no entanto, da região, é a cidade com maior destaque e atrações durante o carnaval. IBGE, fevereiro de 2017.

Figura 9- Mapa cidade de Bezerros



Fonte: IBGE> Acesso em fev. 2017.

O município tem no Carnaval sua principal atividade turística, o Papangu é sua grande vitrine e impulsionador da economia e da cultura local. Como vemos na figura 10, a representação dos mascarados, no domingo de Carnaval com todas as suas cores, mistérios e irreverência.

Figura 10 - Papangus domingo de Carnaval -2015



Fonte– Acervo de Marcos Antônio da Silva

De uma simples brincadeira à fonte de renda para dezenas de artesãos e artistas, o mascarado serve de pano de fundo para uma produção dinâmica de máscaras, fantasias e adereços. Dezenas de artistas produzem durante todo o ano milhares de máscaras, desde as mais tradicionais as mais elaboradas e com o estilo de cada artista. A produção de fantasias movimenta o comércio local e principalmente o comércio de Caruaru, maior cidade do interior.

Segundo Roberval Lima, (2017) artista plástico e diretor do Museu do Papangu, o processo de evolução do traje do mascarado se deu por volta dos anos 90, quando tecidos grosseiros e pesados, como o chitão e sacaria, foram aos poucos substituídos por tecidos mais leves, com brilho e de maior variedade. Isso levou a secretaria de Turismo a denominar o novo estilo como “Papangu evolução”.

O mesmo aconteceu com a máscara, conta Robeval Lima, (2017) que junto com a evolução do traje, as máscaras sofreram grandes alterações, as que antes eram em tecidos grosseiros, papel de embrulho (técnica papel colê) e quase que monocromáticas, ganharam acabamento com massa corrida. Na figura 11, vemos a utilização do papel machê, técnica

que revolucionou a confecção das máscaras de Bezerros e que ganhou força com o artista plástico Sivonaldo Araújo, em seu livro sobre as máscaras de Bezerros e os Papangus, é possível ver as grandes transformações que as máscaras e os trajes sofreram ao longo de quase uma década.

Figura 11- Máscara em papel machê – Sivonaldo Araújo



Fonte: Livro As máscaras de Bezerros- 2007

2.8 Origem das máscaras de Papangu

Para Rosa Soares, (2007) em: Máscaras de Bezerros, a história dos Papangus remonta ao início do século passado. Por volta de 1905, as primeiras máscaras eram confeccionadas com papel usado para embrulhar charque (carne-seca), e as fantasias eram enfeitadas com folhas de bananeiras e cajueiros, espécies abundantes na região. A partir da década de 50, os mascarados que batiam às portas dos moradores passaram a receber deles cuias de angu, comida típica feita à base de farinha de milho. A partir daí a população passou a chamá-los de Papangus.

Soares (2007), “por volta de 1905, sítios nas redondezas do centro da cidade, figuras maltrapilhas, enfeitadas com folhas de bananeira, circulavam com suas máscaras feitas de papel de embrulhar charque, assustando a meninada”.

Para Roberval Lima², diretor de Cultura, carnavalesco e brincante, os Papangus antigamente saíam dos bairros, de todo bairro saía Papangu, todo mundo saía e eles terminavam entrando nesses blocos e faziam a festa. Por volta de 1956 há registros de máscaras feitas de coité (uma espécie de cabaça), figura 12. Os olhos e os narizes eram furados na cuia com um ferro quente, para colorir eram usados pó preto e tinta branca (alvaiade) utilizados em sapatos, os lábios eram realçados pela tinta (roxo rei) também utilizada na pintura das barras das casas.

Figura 12- Máscara de coité – Releitura



Fonte: Acervo de Júlio Pontes

A história do artesanato e da produção das máscaras em Bezerros se confundem, desde as primeiras aparições dos mascarados até os dias atuais. Em Máscaras de Bezerros, 2007, SOARES, observa que as primeiras máscaras foram confeccionadas com materiais mais rudimentares, como papeis de embrulho e eram pintadas com tintas extraídas de plantas da região como açafraão e fava.

Logo em seguida surgem as máscaras feitas com tecido de sacaria, e com simples contornos em volta dos olhos e bocas, que eram perfurados com tesouras. Durante muito tempo, esses mascarados eram vistos como personagens assustadores para todas as crianças.

² Entrevista cedida no dia 18 de outubro de 2016, no Museu do Papangu, Bezerros-PE

Segundo Soares, (2017), “por volta de 1956, a máscara feita de coité, tipo de cabaça, seria o pai do famoso cabeção desenvolvido décadas depois pelo artista plástico Gilmar Silvestre”. O processo para perfurar os olhos e a boca exigia um ferro quente, tintas utilizadas nas pinturas das casas eram empregadas para colorir os olhos e boca. Com o passar dos anos as máscaras feitas de tecido, ganham o gosto da população. Eram usados os mais variados tecidos e pintura com tintas de várias cores, transformam a estética desse adereço.

Conforme Soares (2007), nas décadas que se seguiram, como vemos na figura 12, as famosas máscaras de com papel colê (jornal e cola feita com amido de milho ou farinha), nesse processo o artesão dispõe várias camadas de jornal e cola, sobre um molde de cimento ou gesso, finalizada a colagem a secagem é aguardada, para posteriormente furar os olhos e bocas, logo em seguida a pintura. Nas mãos do mestre Lula Vassoureiro e seu pai brotaram as mais diversas formas utilizando essa técnica. A partir da década de 90, técnicas como o papel machê ganham de vez o gosto dos foliões e turistas, sendo uma fonte de renda para dezenas de artesãos. Sivonaldo Araújo e seus discípulos difundiram a técnica do papel machê, sofisticando o adereço e transformando cada máscara em uma peça única. A figura 14, demonstra a representação exata o processo de modificação do adereço tão importante na construção da identidade dos mascarados de Bezerros.

Figura 13 -Máscara tradicional em jornal e grude



Fonte : Forum da Cultura , Paraty RJ -2011

Figura 14- Evolução parcial das máscaras do Papangu



Fonte: Júlio Pontes

Segundo Anchieta (2016, p.52), “alguns historiadores associam as máscaras e a figura do Papangu à representação da morte, ligação direta com as procissões de cinzas, divertidas e burlescas que eram realizadas entre os séculos XVIII e XIX”. ANCHIETA (2016, p.52), alguns artesãos e estudiosos acreditam que a história do Papangu tem origem na época da escravidão, quando os escravos vestiam fantasias de corpo inteiro para participar dos bailes de máscaras promovidos nas casas-grandes. A festa, que já tem tradição secular, tem como marco histórico o ano de 1905, quando grupos de foliões, inspirados nos festejos da época escravocrata, começaram a se vestir e mascarar para brincar o Carnaval. Era durante o entrudo que os mascarados buscavam comida e bebida nas casas das pessoas. Seu apetite se destacava em meio aos convidados e mais tarde, ficaram conhecidos como Papangus, ou comedores de angu - iguaria típica na época. Antigamente, o personagem tinha a máscara para o rosto confeccionada com coité (cua do fruto), comum ao indígena e ao africano. Portanto, originalmente, os mascarados eram figuras grosseiras e temidas que acompanhavam as procissões religiosas e que, depois, retornam no carnaval como um brincante.

Souto Maior (2005), “alguns artesãos e estudiosos acreditam que a história do Papangu tem origem na época da escravidão, quando os escravos vestiam fantasias de corpo inteiro para participar dos bailes de máscaras promovidos nas casas-grandes”. A festa, que já tem tradição secular, tem como marco histórico o ano de 1905, quando grupos de foliões, inspirados nos festejos da época escravocrata, começaram a se vestir e mascarar para brincar o Carnaval. Era durante o entrudo que os mascarados buscavam comida e bebida nas casas das pessoas. Seu apetite se destacava em meio aos convidados e mais tarde, ficaram conhecidos como Papangus, ou comedores de angu - iguaria típica na época.

Antigamente, o personagem tinha a máscara para o rosto confeccionada com coité (cuia do fruto), comum ao indígena e ao africano. Portanto, originalmente, os Papangus eram figuras grosseiras e temidas que acompanhavam as procissões religiosas e que, depois, retornam no carnaval como um brincante.

No Dicionário do Folclore Brasileiro, Cascudo (2001, p.671), “o termo Papangu vem de uma espécie grosseira, assim apelidada, e que, à espécie de farricoco, tomava parte nas extintas procissões de cinzas, armado de um comprido relho com fustigava o pessoal, na figura 15, a representação do farricoco, descrito por Cascudo tem referências que remetem a Ku Klux Klan, organização racista secreta que nasceu no final do século 19 nos Estados Unidos.

Figura 15 – Farricoco



Fonte: <http://www.everystockphoto.com/photo.php?imageId=10055474>

Acessado em 07/06/2017

Os moradores mais antigos de Bezerros contam que os “Papangus”, hoje símbolo do carnaval da cidade, surgiram quando alguns amigos saíram para brincar Carnaval de maneira que não fossem reconhecidos. Segundo Souto Maior (2005, p.35), “eles tiveram a ideia das máscaras, que serviram para despistar as esposas. Durante as andanças pela cidade eles visitavam inúmeras casa pedindo bebidas e comidas”.

Souto Maior (2005), “como era costume oferecer o angu de milho, já que era o prato preferido dos foliões assim surgiu nasceu o “papa angu”. Alguns historiadores afirmam que a origem do Papangu surgiu anos depois da assinatura da Lei do ventre livre, onde os filhos livres dos escravos se cobriam com roupas velhas, usavam meias nas mãos e usavam uma máscara feita com sacos afim de frequentar as comemorações de carnaval nas casas dos senhores de engenho.

Anchieta (2016) explana que a tradição desse personagem que conduzia o cortejo foi proibida em 1831. “O Principal motivo da proibição seria a utilização de um relho comprido onde o personagem chicoteava todos os que estavam à sua frente impedindo a sua marcha. Depois dessa proibição, o termo Papangu ficou associado a agressividade e à grosseria”.

Souto Maior (2005) aponta a provável origem da alcunha em nossa terra, tendo como base documental, o agradecimento do presidente da Câmara Municipal dos Bezerros de 1881, Felipe da Cruz Pereira Brayner, o convite por parte do capitão José Manoel F. pontes para uma festa de entrudo no seu engenho, onde essa festa seria abrilhantada pela presença dos conhecidos papa angus .

De acordo com Souto Maior (2005), a origem dos Papangus de Bezerros data de 1881: “o papa-angu nasceu de uma brincadeira de familiares dos senhores de engenhos, que saiam mascarados, malvestidos, para visitar amigos nas festas de entrudo – antigo carnaval do século dezenove –, e comiam angu, comida típica do Nordeste (agreste) pernambucano. Por isso, as crianças passaram a chamar os mascarados de papa-angu”.

Durante muitos anos era um costume entre as famílias de posses da zona rural, ao brincar o entrudo saiam pelas casas vizinhas, mascarados e se divertiam comendo essa massa consistente de farinha e milho, muitas vezes servida com carne de galinha, boi ou bode.

Souto Maior (2005) detalha que em grupos, de no máximo cinco pessoas, os mascarados eram anunciados pelas crianças, que com medo, gritavam: Lá vem o papa angu_e corriam para dentro de casa. (erro de grafia - papa angu/ papangu).

Diferente do Papangu citado por Camara Cascudo, que atribui características de uma figura grotesca, tola, ridícula e boba , que estava sempre à frente de procissões, Souto Maior (2005), “observa que o nosso papa angu vem da sociedade rural para a sociedade urbana, justamente no período de transição entre os regimes imperial e republicano”.

Durante décadas , o mascarado era uma figura isolada , solitária que circulava pelos bairros distantes do centro , assim como era no século XIX, visitando casas e comendo angu. Apenas ganhando força na década de 90, com a forte influência da mídia.

Anchieta (2016), destaca que essa tradição surgiu como diversão principalmente na zona rural, quando os homens queriam brincar o Carnaval sem serem reconhecidos, para despistar a atenção das suas esposas. A brincadeira ganhou cada vez mais adeptos e a cada ano foi ganhando mais força até virar tradição. Na figura 16, mostra o registro de como os mascarados se trajavam para manter o ar assustador e esconder a identidade. A regra básica era que ninguém, jamais poderia descobrir quem está por trás das vestes e da máscara, preservando assim a identidade do mascarado. Durante décadas principalmente sob a ótica das crianças, esses personagens eram criaturas horrendas que transmitiam medo, especialmente pela forma muitas vezes grosseiras das máscaras e das roupas.

Figura 16- Papangus anos 60



Fonte: Museu do Papangu- Bezerras-Pe

Há versões populares sobre a origem desses personagens no carnaval de Bezerros. Uma, vem de uma história muito antiga: dois irmãos que comiam muito angu, resolveram cortar as pernas das calças e cobrir o rosto com capuz para não serem reconhecidos, mas o disfarce não funcionou. Foram descobertos pela gula. Outra, é que, no século 19, os mascarados ganharam esse nome depois que uma senhora resolveu preparar angu de xerém para alimentá-los.

A Tradição oral, influenciou muito na criação e perpetuação da origem do tão famoso e ímpar representante do carnaval em Bezerros. Segundo o mestre Lula Vassoureiro³, o Papangu autêntico usava meias nas mãos para ninguém conhecer. Na sua grande maioria as roupas eram emprestadas de outra pessoa, dificilmente poderia ser de familiares, isso ajuda mais ainda no anonimato. Se a proposta era manter a identidade secreta, tudo teria que ser preparado para que o mascarado assumisse a identidade que desejasse. Eram comuns grupos ou troças, a quantidade de participantes poderia ser de 5 integrantes até grupos com 30 pessoas.

Na figura 17, é possível perceber como os elementos rurais, berço do mascarado são utilizados nessa releitura. Conforme, o mestre Lula Vassoureiro, as lembranças das histórias contadas pelo seu inesquecível pai – Zé Vassoureiro (artesão) , as primeiras mascaras foram feitas com papel de embrulhar charque e papelão , pintadas com folhas de fava, açafraão e os detalhes do rosto delineados com carvão. As vestimentas sempre emprestadas, eram enfeitadas com folhas verdes de banana e cajueiro, isso por volta de 1905.

Figura 17- Papangu original -releitura



Fonte : Julio Pontes Fotografia

Na figura 18, um dos poucos registros do carnaval de 1954, mantendo a tradição dos grupos de homens que saiam mascarados para brincar os festejos sem ser percebidos.

Figura 18– Papangus Carnaval de 1954



Fonte: Museu do Papangu- Estação da Cultura

³Entrevista cedida no dia 14 de Abril de 2017, em seu atelier - casa do Papangu , Bezerros-PE

É muito importante ressaltar a necessidade dos registros materiais, como observamos na figura 19, o pertencimento de artistas e moradores na formação dos blocos carnavalescos como fonte de informação para traçar essa linha na evolução ocorrida com o personagem durante décadas. A complexidade das identidades criadas a cada ciclo carnavalesco é ímpar, por isso a necessidade parte não só de todo material escrito, mas principalmente da oralidade e da tradição secular transmita de geração a geração. Conforme Souto Maior, (2005, p.45): “os mitos, ou lendas, se propagam nas mais diversas dimensões, como o natural embaralhamento de fatos ou de episódios[...]”.

Figura 19 – Papangus em 1985



Fonte: Bezerras Hoje

É vital para o mascarado interpretar, tomar posse de várias identidades para manter o mistério. Na figura 20, o mascarado incorpora vestimentas e trejeitos femininos, nos dias de carnaval os papeis se invertem, homem é mulher, mulher é homem, jovem é velho, político é herói. Rocha (1996, p.108), “o Papangu desfila por todos os lugares, deve ser versátil, excêntrico, espontâneo, cínico, irreverente e criativo, o autor ainda pontua que para muitos o carnaval é uma ilusão passageira”.

No entanto, para os bezerrenses, uma mania; uma realização vestir-se de Papangu. Nas palavras de Cascudo (1983), “a função de qualquer cultura é sempre o resultado da participação humana e em seu serviço”. Estuda-se, evidentemente, a criação, desenvolvimento e transformação do esforço humano para adaptar-se e conquistar o ambiente em que vive.

A figura do típico mascarado tornou-se um símbolo que fortalece os laços sociais e promove a integração comunitária.

Figura 20- Identidades



Fonte: Museu do Papangu- Estação da Cultura

Damatta (1983), “reconhece o carnaval como uma zona de mediação e encontros, zonas onde o tempo fica suspenso e uma nova rotina deve ser repetida ou inovada”.

2 9 Papangu das brincadeiras e influências

O mascarado encontra nas ruas seu lugar, seu momento de interpretar e enfeitiçar, fazer valer o mistério e as brincadeiras que o tornam tão fascinante. Damatta (1983, p.74), “a própria rua pode ser vista e manipulada como se fosse um prolongamento ou parte da casa, ao passo que zonas de uma casa podem ser percebidas em certas situações como parte da casa”. Sob o olhar de muitas crianças do passado, esses misteriosos seres eram horrendos e eram associados a criaturas e monstros provocando terror, principalmente na forma de falar e nas máscaras que utilizavam. Rocha, (1996, p.104): “adentra Praça Duque de Caxias, faz

um contorno pela Rua da Matriz, uma reverência ao padroeiro São Jose. Que a tudo assiste e não reprova”. Essa transformação do corpo em um símbolo de comunicação e das ruas em palco, a cada década foi essencial para fortalecer a imagem do carnaval e Bezerros e consolidar o Papangu como uma das mais importantes figuras do carnaval, celebrando a liberdade de representar.

De acordo com Roberval Lima, Diretor de cultura, a evolução no traje do Papangu, apresentava relação com a indústria do consumo e do entretenimento, com personagens do cinema, televisão, desenhos animados, música, situações políticas e sociais do Brasil e do mundo.

A articulação entre todos os materiais e recursos empregados no processo de criação, estão a cada ano em constante transformação, representando cada vez mais a visão individual e/ou coletiva que o folião mascarado tem do mundo. Cada vez mais as fantasias se profissionalizam, mas o mascarado mantém o romantismo na improvisação.

No processo de criação do “novo Papangu”, a articulação entre folião, artesão e costureira cria uma rede que permite a incorporação de diversos elementos em sua estrutura, transformando o traje numa forma viva que expressa tradição e contemporaneidade.

Para Anchieta (2006, p. 57), “o Papangu recebeu influência do bumba meu boi, que estava ligado aos vaqueiros negros que davam um tom cômico ao folguedo, com uma inversão da ordem, em que o negro ditava as regras”.

Durante décadas a festa dos mascarados tinha a presença das brigas de bois, de acordo com Rocha (1995), “o bumba -meu- boi, composto de uma burrinha, o Mateus , a Catirina e uma zambuba, percorria as ruas centrais da cidade e se preparava para a briga na terça feira à tarde, na frente da Prefeitura”.

Analisando a presença de mascarados em outras manifestações espalhadas pelo Brasil, o Clóvis⁴, figura típica do carnaval carioca, tem uma grande semelhança com o Papangu. As roupas coloridas, o mistério para não ser identificado e a utilização da máscara aproximam os dois personagens como se fizessem parte do mesmo grupo, só que em períodos distintos.

⁴ uma evolução da palavra inglesa *clown* que significa palhaço, popular no Rio de Janeiro

Figura 21: Clóvis – figuras Típicas do Carnaval carioca



Fonte: multirio

Ao observarmos as fantasias dos Clóvis, figura 21, em especial a máscara, é possível vermos a influência da estética desse personagem na nova roupa que o Papangu começou a adotar o final dos anos 90. Na figura 22, a máscara de tela usada pelos Clóvis foi muito utilizada pelos mascarados de Bezerros. Atualmente esse adereço ainda faz parte do figurino do Balé Popular Papanguarte.

Figura 22- Papangus utilizando máscara semelhante ao Clóvis



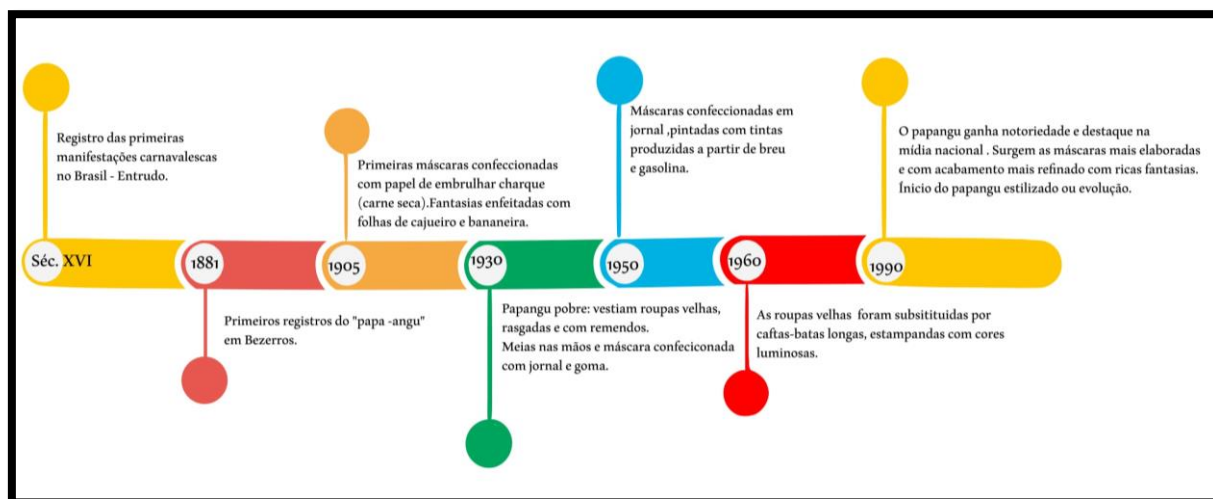
Fonte : Júlio Pontes

2 10 Da criação do mito e a popularização do personagem secular

Com todas as transformações ocorridas principalmente nos anos 90, quando o Papangu ganha mais destaque nos meios impressos e televisivos, surgem cada vez mais versões sobre a

origem do mascarado. Na Figura 23, pode se observar uma cronologia das primeiras manifestações do festejo de momo no país e a origem do mascarado, personagem mais importante do carnaval de Bezerros.

Figura 23- Linha do tempo da origem evolução do Papangu



Fonte: "do Autor"

Ao longo das décadas, várias versões foram surgindo sobre a origem do mascarado, algumas são documentadas outras surgiram através da oralidade. ROCHA ,1996, BRAYNER ,1997, SOUTO MAIOR ,2005; em suas obras tentam chegar a um consenso sobre a real origem do mascarado, mas uma pesquisa em sites e outras publicações encontramos diversas publicações e versões. A figura surgiu pelos idos de 1900, quando os mascarados confeccionavam seu traje artesanalmente e, ao pedir comida nas casas recebiam angu.

A história dos Papangus remonta ao início do século passado. Por volta de 1905, as primeiras máscaras eram confeccionadas com papel usado para embrulhar charque (carne-seca), e as fantasias eram enfeitadas com folhas de bananeiras e cajueiros, espécies abundantes na região. A partir da década de 50, os mascarados que batiam às portas dos moradores passaram a receber deles cuias de angu, comida típica feita à base de farinha de milho. A partir daí a população passou a chamá-los de Papangu. (FOLHA ONLINE, 2004)

Uns dizem que os primeiros mascarados de que se tem notícia surgiram na década de 30. Eles eram chamados de Papangus Pobres porque trajavam roupas velhas, rasgadas com remendos, meias nas mãos e máscaras rústicas confeccionadas com papel jornal e goma. Com o tempo, a brincadeira foi mudando e a partir dos anos 60, as roupas velhas foram substituídas por caftas - batas longas, estampadas com cores luminosas.

A tradição dos Papangus surgiu no início do século passado, em 1905, segundo relato feito pelo carnavalesco e artesão de máscaras Lula Vassoureiro. As primeiras máscaras eram feitas com papel de embrulhar charque e papelão. Os mascarados saíam às ruas para pedir um auxílio e ganhavam ovos, frutas e galinhas. O nome Papangu surgiu já na década de 50, quando as máscaras começaram a ser confeccionadas em papel de jornal, pintadas com tintas produzidas a partir de breu e gasolina. Os foliões mascarados eram recebidos nas casas com angu, uma espécie de mingau feito à base de milho. O alimento e a fome dos foliões, que se aproveitavam das máscaras para comer angu mais de uma vez em um mesmo lugar, deu origem ao nome dos mascarados do Carnaval pernambucano. (FOLHA ONLINE, 2002)

Filhos livres de escravos se fantasiavam de Papangu com o interesse de ter contato com as senhoras de escravos e apertar-lhes a mão.

A história dos Papangus tem origem na época da escravidão, quando os escravos vestiam fantasias de corpo inteiro para participar dos bailes de máscaras promovidos nas casas-grandes. A festa, que já tem tradição secular, tem como marco histórico o ano de 1905, quando grupos de foliões, inspirados nos festejos da época escravocrata, começaram a se vestir e mascarar para brincar o Carnaval. Era durante o entrudo que os mascarados buscavam comida e bebida nas casas das pessoas. Seu apetite se destacava em meio aos convidados e mais tarde, ficaram conhecidos como Papangus, ou comedores de angu - iguaria típica na época. (NAÇÃO CULTURAL, 2009)

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As roupas e fantasias encontram-se inseridas no contexto de rituais desde os tempos mais primitivos, nas mais diversas culturas. Os artefatos têxteis fazem parte da cultura material de um determinado grupo ou localidade.

A técnica de pesquisa utilizada se baseia nos estudos de Daniel Miller (2013) sobre a cultura material, a relação do objeto com o sujeito e do diálogo entre as partes. A importância dos materiais envolvidos na produção desses artefatos, sua representação para a sociedade e o valor cultural e emocional.

Antes de iniciar qualquer análise e tentativa de interpretação dessas fantasias, é necessário compreender como este tipo de documento pode ser utilizado. O autor selecionado propõe em suas pesquisas uma discussão sobre a cultura material, analisando a roupa e abordando sua relação com a sociedade, as identidades culturais e a relação de consumo e poder.

Inicialmente foram levantadas informações bibliográficas a respeito do objeto de estudo e sua trajetória ao longo de mais de um século de história. Com o apanhando de informações pretendemos mostrar a influência dos fatores históricos, sociais e culturais, ocorridos em um determinado período da história local, no processo de mudança e desses artefatos, revelando muito mais dos valores simbólicos e de identidade da sociedade em questão.

Segundo Miller (2013, p. 64), “um estudo da indumentária não deve ser frio; ele precisa evocar o mundo tátil, emocional e íntimo dos sentimentos”. Ao invés de propor métodos específicos Daniel Miller, expõe ao pesquisador uma visão mais generalizada do campo de estudo da cultura material e de alguns resultados já alcançados, muitas vezes partindo de fontes e interesses distintos. As análises que Miller vem fazendo ao longo dos anos foram de fundamental importância para a realização desse estudo que pretende analisar as fantasias como expressão de um contexto cultural e material, apresentando um diálogo com as questões históricas, econômicas e sociais.

apenas como parte de um contexto material, mas como diálogo com a sociedade em que elas estão e estiveram inseridas, seja no século XIX, XX ou XXI, pertencentes a acervos particulares ou das peças exposta no Museu do Papangu em Bezerros .

O procedimento metodológico foi assim dividido em três etapas: coleta das imagens e análise dos artefatos. Coleta de Dados: Foram selecionadas peças no Museu do Papangu,

onde o acervo conta com mais de 5 décadas de registros entre fotografia e fantasias expostas no espaço. As máscaras expostas no local servem de complemento para traçarmos uma linha do tempo da evolução ou das transformações corridas durante esse período. No segundo momento foi feito um recorte que compreende o final dos anos 80, os anos 90, e os primeiros anos dessa década. Na 3ª e última etapa, depois de escolhidos os artefatos para análise, o trabalho de detalhamento das peças como se pudesse fazer parte do contexto, espaço e tempo a que pertence ou pertenceram os objetos, buscando uma maior interação. No espaço físico foi possível analisar as cores, texturas e formas empregadas em algumas peças expostas, bem como seu diálogo com o contexto social e histórico. Durante o processo exploratório foi possível apreender o processo que ao longo de décadas foi decisivo para a evolução e diversificação na maneira que o folião encontra para manifestar os desejos e criar identidades múltiplas. Nesse livro, o antropólogo afirma que os objetos que possuímos e que nos rodeiam nos formatam no mesmo grau em que são formatados por nós.

A partir disto Miller, (2013), procura entender a convivência dos indivíduos com os objetos, que inclui: a esfera do uso; a complexidade da posse; a interpretação de tais trechos no cotidiano; o ato de conferir significado a eles, e lhes atribuir valor, dedicar sentimentos e cuidados. Quando se trata de um traje em especial as fantasias, levando em consideração o contexto no qual está inserido, observamos o uso de tecidos coloridos, com brilho, estampas, ao mesmo tempo que as características de caráter regional transformam a peça em um artefato repleto de materiais e texturas. Aos poucos a indumentária abandona a característica rural, berço do personagem. Como vemos na figura 24, e o uso de peças aleatórias do guarda roupa, além de objetos como chapéu e carroças como símbolos da ruralidade do personagem. e começa a ser produzida por encomendas, assumindo cada vez mais a característica de exclusividade, entra em cena a costureira e artesão.

Figura 24: Papangu rural



Fonte: Bezerros Hoje

Deve se considerar que mesmo com essa mudança, o segredo na produção da vestimenta e da máscara tem como premissa o segredo, o anonimato total deve ser mantido até o dia da folia. As caftas, figura 25, não possuíam muitos recortes, com espaços apenas para a cabeça e braços, inicialmente o chitão era o tecido mais empregado. O processo de industrialização e o crescimento do comércio possibilitaram o acesso do folião a uma maior diversidade de tecidos e aviamentos. Nesse mesmo ritmo de mudança as luvas em malha se inserem na caracterização, abandonando de vez o uso de meias nas mãos. Em seguida o macacão possui uma modelagem que não poderia ser muito ajustada ao corpo, dificultando a identificação do gênero por trás da máscara, com aparência leve e solta era possível assumir qualquer trejeito e característica. A simetria era presente em praticamente toda veste produzida durante a década de 80, no macacão era utilizado um zíper nas costas para o fechamento.

Figura 25: caftas 1985



Fonte: acervo particular- Aparecida Santos

Nas décadas que se seguem, como podemos observar na figura 22, o uso de tecidos sintéticos, aviamentos dourados e aplicações acentua o contraste, proporcionando mais volume permitindo uma estética mais impactante, elegante e descontraída como pedia o momento. A leveza do cetim permitiu a costureira e ao artesão ousar mais, realizar o desejo do cliente, assumindo inúmeras identidades e classes sociais.

Figura 26: Surge o Papangu evolução parceria entre artistas



Fonte: Livros das máscaras de Bezerras

4 ANÁLISE DAS IMAGENS: AS FANTASIAS DOS PAPANGUS COMO PARTE DO CONTEXTO HISTÓRICO, CULTURAL E SOCIAL DE BEZERROS

Fotografia 01	
Ano: 1984	
Autor: Solange Maria	
Acervo: Particular – Solange Maria	
Descrição: um dos primeiros registros da utilização de adereços no processo de evolução da fantasia do Papangu. Estrutura de madeira recoberta com tecido em algodão, pintura em acrílica. Calça em brim branco. A substituição das máscaras de papel colê, por peças maiores e de maior impacto visual.	
Contexto Histórico: anos 80 o Papangu começa a trocar a famosa cafta, por alegorias, mais confortáveis e substituindo o chitão por tecidos com menos estampas e cores. A alegoria é uma homenagem irreverente a inauguração de uma sorveteria. A sorveteria Hollywood, o desenvolvimento do comércio ,sempre foi motivo de inspiração para o folião desenvolver ideias e dá asas à imaginação. Durante esse período houve um avanço na produção alimentícia da cidade , principalmente com a abertura de panificadores e fabricas de doces regionais.	

Fotografia 02	
Ano: 1992	
Autor: Elineide Maria Silva	
Acervo: Particular- Elineide Maria Silva	
Descrição: Palhaços , com os famosos cabeções, máscaras criadas pelo artista plástico Gilmar Silvestre e bastante utilizada por décadas. Esse tipo de máscara evidenciava a expressão do personagem e transformou a máscara no elemento mais importante da fantasia. O cetim começa a ser bastante empregado na confecção dos trajes, primeiros passos para inserir um pouco de brilho e sofisticação nas roupas. Os mascarados que antes ficavam espalhados por ruas e bairros, começam a se concentrar em um ponto denominado QG do frevo.	
Contexto Histórico: A imagem do Papangu está bem consolidada na mídia nacional, o plano desenvolvido pelo governo estadual e municipal, alcança seus objetivos, atrair os olhos do país e dos turistas do exterior para o carnaval do interior de Pernambuco. Durante o início dos anos 90 todos os mascarados se reuniam próximos a entrada da cidade e juntos percorriam as ladeiras rumo ao ao palco central no marco zero.	

Fotografia 03	
Ano: 1993	
Autor: Elineide Maria Silva	
Acervo: Particular - Elineide Maria Silva	
Descrição: Os populares cabeções, ganham cada vez mais força, sendo parte principal da fantasia dos Papangus. O patchwork, ganha força nas fantasias, onde cores, tecidos e texturas são empregadas para enriquecer as fantasias. As luvas sempre estão compondo os trajes, com o objetivo de esconder traços que identifiquem o folião.	
Contexto Histórico: Cada vez mais consolidada a imagem do mascarado e da sua fama e brincalhão e misterioso, a cidade começa a atrair o turista que viaja do sul, sudeste e do exterior para conhecer o principal mascarado do interior do estado.	

Fotografia 04	
Ano: 1994	
Autor: Robeval Lima	
Acervo: Particular- Elineide Maria Silva	
Descrição: Cafta confeccionada em algodão cru, pinturas em acrílica, máscara em papel colê, com peruca em cabelo de poliéster. Adereço em forma de moeda confeccionado papelão e pintado com spray prata. Luvras de algodão. Macacão interno feito em malha elanca colorida.	
Contexto Histórico: A criação do Real, nova moeda nacional, serve de enredo para a criação da fantasia. As fantasias em especial do artista plástico Robeval Lima, ganham mais elementos de pintura, detalhes mais elaborados são incorporados, a utilização da máscara em dourado, seria uma pequena amostra do que acontecia nos anos seguintes. A economia da cidade ganha mais força com a produção das máscaras em papel colê, o que antes era exclusividade de alguns poucos artesãos, ganha mais adeptos. A produção de máscaras ganha destaque na mídia com as peças produzidas pelo Mestre Lula Vassoureiro e Gilmar Silvestre. Surgem as primeiras oficinas de reciclagem e produção com a forte contribuição do Programa de Regionalização do Turismo.	

Fotografia 05	
Ano: 1995	
Autor: Robeval Lima	
Acervo: Particular- Elineide Maria Silva	
Descrição: A utilização de materiais rústicos, como palha, juta e algodão cru remetem a uma estética mais regional, cuja temática é o sertão e a seca. A sobreposição das peças ganha bastante força nas produções das fantasias dos Papangus. A pintura em acrílica ainda é muito empregada para valorizar o caráter artístico do Mascarado. Na imagem é possível ver os rostos dos foliões, algo muito raro nos dias de folia, já que a principal regra é manter o anonimato.	
Contexto Histórico: A década de 90 sofreu com os efeitos do fenômeno El Niño, o agravamento de secas no Nordeste foi sentindo principalmente no interior dos estados.	

Fotografia 06	
Ano: 1996	
Autor: Elineide Maria Silva	
Acervo: particular- Elineide Maria Silva	
Descrição: As mudanças nos materiais empregados na confecção das fantasias, fica evidente a cada carnaval, sai o chitão e os tecidos 100% algodão, e explode o uso de tecidos de poliéster, como o lamê e paetê. As máscaras ganham detalhes e traços mais elaborados com o largo uso do papel machê. O uso de perucas e adereços substitui de vez o capuz usado durante décadas.	
Contexto Histórico: O evento ganha status de grande porte, para atrair cada vez mais o turista e objetivando valorizar o personagem, as ruas e praças centrais, começam a receber decorações temáticas com peças produzidas por vários artesãos. A produção de máscaras e esculturas gigantes em papel colê, contribui para a valorização da mão de obra local e surge como uma grande fonte de renda para os artesãos. A produção de peças para vendas aos turistas ganha força.	

Fotografia 07	
Ano: 1997	
Autor: Elineide Maria Silva	
Acervo: Museu do Papangu	
Descrição: o uso da máscara de tecido que remonte as utilizadas no início do século XX, são recorrentes a cada carnaval, um misto de evolução da fantasias e tradição da máscara. A sobreposição de peças para compor o visual do personagem, fica bastante perceptível na apresentação principalmente em grupos. A organização de um concurso para premiar as várias categorias do Papangu , ganha destaque e a atrai a atenção dos turistas.	
Contexto Histórico: Bezerros ganha mais destaque no cenário do artesanato nacional. Os artesãos expõem suas peças em vários estados e países. As parcerias entre governo municipal e estadual viabiliza cursos e oficinas para os artesãos. Contatos com artistas que produzem máscaras em outros estados e países , possibilitam a produção local .	

Fotografia 08	
Ano: 1998	
Autor: Elineide Maria Silva	
Acervo: Museu do Papangu	
Descrição: A confecção do traje, foi totalmente feita em cetim, com detalhes em tule (babados da burrinha) e chitão para compor a parte intermediária da saia da burrinha. A utilização de galões dourados na parte superior e inferior do traje, insere elementos mais sofisticados as fantasias. Uma retomada do adereço bastante utilizado nas brigas de boi do início do século XX.	
Contexto Histórico: A cidade vive um fervor na sua cultura, o Papanguarte Balé Popular de Bezerros, começa suas primeiras apresentações. Formado por educadores e alunos da rede municipal, estadual e particular, tem características que o distinguem dos demais grupos de dança do estado. Seus bailarinos dançam mascarados, valorizando a cultura do Papangus. Um grande suporte para difundir cada vez mais o turismo e a cultura da cidade.	

Fotografia 09	
Ano: 1999	
Autor: Elineide Maria Silva	
Acervo: Museu do Papangu	
Descrição: é inseparável a mistura de materiais mais rústicos com outros mais sofisticados. Os sintéticos conquistam seu espaço, sendo os tecidos de poliéster os grandes destaques na composição dos trajes. A valorização da cultura local e regional são inspirações recorrentes para colocar os desejos e as fantasias na rua. As máscaras de papel colê compõem o visual permitindo assim a valorização do artesanato local	
Contexto Histórico: As indústrias alimentícias, principalmente bolos e doces alavancam a economia da cidade, transformando Bezerros no maior produtor de bolos do interior de Pernambuco.	

Fotografia 10	
Ano: 2000	
Autor: Desconhecido	
Acervo: Museu do Papangu	
Descrição: a utilização de tecidos mais grossos como o veludo, acentuam a característica de elegância do traje. Detalhes como laços, lenços e plumas, transformam cada vez mais as fantasias dos Papangus e tarjes mais elaborados e com uma proposta mais definida.	
Contexto Histórico: na virada do milênio, o Papangu está totalmente consolidado como o legítimo representante dos festejos de momo no interior do estado. Com a divulgação por parte do Balé Papanguarte do personagem por todo o território nacional, é cada vez maior o número de turistas que procuram a cidade durante o carnaval. O polo cultural Serra Negra, se estabelece como mais um ponto forte do turismo na cidade. Uma parceria entre os governos para a construção de um anfiteatro, atraindo assim grandes projetos e investimento de patrocinadores.	

Fotografia 11	
Ano: 2000	
Autor: Robeval Lima	
Acervo: Particular- Elineide Maria Silva	
Descrição: Fantasia comemorativa aso 500 anos do descobrimento do Brasil. As máscaras em papel machê com acabamento em massa corrida e a utilização de tintas acrílicas coloridas, começam a ganhar força e mostrar uma nova fase das máscaras em Bezerros. A peruca em ráfia colorida , substitui o tradicional capuz em malha. Valorizando a beleza da máscara e servindo de representação da agua para a caravela que foi utilizada como adereço, até então não é muito comum o uso de adereços nas fantasias dos Papangus.	
Contexto Histórico: Todo o país comemorava o aniversário de 500 anos de descobrimento. A Folia do Papangu, como ficou conhecida a grande festa do interior de Pernambuco, consolida a cada ano o interior como um dos mais importantes polos do carnaval no estado.	

Fotografia 12	
Ano: 2015	
Autor: Desconhecido	
Acervo: Bezerras Hoje	
Descrição: a utilização de truques, máscaras personalizadas e inspirações influenciadas pela internet , transformam cada vez mais a forma que o folião constrói a sua interpretação do Papangu. Estrutura metálica que liga os ombros aos joelhos, possibilitam o movimento que sugere a queda da cabeça. Jaleco produzido em tecido escuro, diferente do que geralmente é utilizado para representar o colorido da festa. Nessa fantasia em especial, percebemos o abandono das luvas, parte principal para manter o folião no anonimato.	
Contexto Histórico: Influência da escola de samba Unidos da Tijuca , do Rio de Janeiro que utilizou esta fantasia com o truque da ilusão de ótica no ano de 2011. O carnaval incorpora elementos do circo e de grandes espetáculos como uma linguagem mais pop.	

Fotografia 13	
Ano: 2017	
Autor: Desconhecido	
Acervo: Secretária de Turismo- Departamento de Cultura	
Descrição: a utilização das máscaras personalizadas, assume outras formas , sai o brincante humano entra a representação do caprino. Mesmo representando os trejeitos do nordestino, fica evidente utilização na composição do traje , de peças que remetem ao Papangu mais antigo, “o original”. Onde o uso de paletó e tecidos mais rústicos eram a base da caracterização do mascarado.	
Contexto Histórico: O personagem ‘Bode Gaiato’ que foi criado como meme em 2013 e se firmou como uma caricatura dos trejeitos e modos da cultura nordestina. Conhecido nas redes sociais, o personagem que é a imagem de um bode em corpo humano.	

Fotografia 14	
Ano: 2014	
Autor: Desconhecido	
Acervo: Museu do Papangu	
Descrição: A mascote da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, Fuleco, ganha as ruas da cidade com uma releitura bem colorida do traje original, sai de cena a pelúcia e entra o cetim e o tule. Mesmo com a utilização de tecidos coloridos e possível ver a preocupação em manter as cores da bandeira como principais. Mangas bufantes dão mais volume ao traje, além da mistura de várias cores. Segundo os responsáveis pelo museu, peças como luvas e as chuteiras não foram doadas para o acervo.	
Contexto Histórico: O país estava vivendo o momento único, sediar a Copa do Mundo. O futebol e o carnaval são de longe as maiores paixões do povo brasileiro. A escolha do nome da mascote, através de voto popular transformou o evento em mais uma festa.	

Fotografia 15	
Ano: 2016	
Autor: Desconhecido	
Acervo: Secretaria de Turismo- Departamento de Cultura	
Descrição: a roupa e os instrumentos de combate ao mosquito, compõem a caracterização do mascarado, Camisa em poliéster, luvas em malha de algodão branco, máscara em papel machê e acabamento com massa corrida, calça em Tactel. A utilização do capuz de malha, para reforçar o anonimato. Não tão rica em detalhes como as que circulam pelas ruas, mas com o mesmo valor informacional.	
Contexto Histórico: com o surto de febre amarela no final de 2016, ações entre secretaria de saúde e turismo, objetivam através da folia, alertar os foliões para o perigo e a importância das ações de combate ao mosquito.	

Fotografia 16	
Ano: 2015	
Autor: Desconhecido	
Acervo: Bezerras Hoje	
Descrição: Traje confeccionado em cetim na parte inferior, mesclando cores e texturas. A fantasia é uma releitura de um palhaço, com babados, mangas bufantes e detalhes em dourado. A parte superior ou costeiro como geralmente é conhecido, tem uma estrutura de metal, com uma imagem que é contornada com marabu sintético vermelho. Os braços que compõem a personagem carregada pelo palhaço, é feita internamente de espuma e envolvida internamente com uma camisa de malha branca, com a sobreposição de uma toga e malha de algodão preta. A composição é finalizada com uma bandeira nacional que está disposta no topo da alegoria	
Contexto Histórico: a situação política do país sempre serviu de inspiração para os artistas expressarem suas opiniões. O judiciário durante essa grave crise política e econômica que vem afetando o Brasil, protagonizou inúmeras cenas de debates de ideias e posições.	

Fotografia 17	
Ano: 2017	
Autor: Desconhecido	
Acervo: Bezerros Hoje	
Descrição: Na caracterização dos personagens, é possível perceber a utilização de trajes mais elaborados, peças de alfaiataria, adereços como faixas presidenciais, confeccionadas em TNT verde e amarelo, com aplicações em colagens de impressos. A figura central, traja um terno preto, com camisa interna branca e gravata estampada. A máscara tipo cabeça, é confeccionada com a técnica de colê e pintura em acrílica. As personagens laterais usam o mesmo estilo de máscara, trajes semelhantes no corte e tecidos.	 The photograph shows three individuals in elaborate costumes and masks. The person on the left wears a bright blue jacket and a yellow sash with the text 'QUERO SER PRESIDENTE'. The person in the center wears a black suit, a white shirt, a patterned tie, and a mask with a beard; their sash reads 'Ex Presidente'. The person on the right wears a white jacket and a yellow sash with the text 'Presidente'. They are standing outdoors with colorful streamers in the background.
Contexto Histórico: Os acontecimentos políticos do Brasil nos últimos três anos, desencadeou uma série de protestos , colocando os líderes da nação no centro de questionamentos e escândalos . Esse tipo de acontecimento serve de pano de fundo para os mais diversos tipos de interpretações e formas de expressão.	

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos através das análises e observações dos artefatos encontrados no Museu do Papangu em Bezerros, revelam muito mais que aspectos da vida social, cultural e histórica da localidade. Em alguns casos os únicos registros de um período da história, eram as fotos, alguns em estado de conservação precário, onde não era possível analisar com exatidão os materiais e a situação que o objeto estudado estava inserido. Se levarmos em consideração que toda materialidade depende da relação do sujeito com o objeto e como a indistinção entre eles é visível, iremos reduzir o trabalho a uma investigação superficial.

As fantasias encontradas no museu serviram para uma pequena fatia da análise, optamos se por analisar uma maior parte de arquivos fotográficos, provenientes de acervos particulares e de órgãos municipais como a Secretaria de Turismo e Cultura.

O Papangu tem sua origem na zona rural, onde materiais rústicos como tecidos de algodão cru e estopa fazem parte do cotidiano. Ao longo de décadas os foliões foram abandonando os tecidos mais grosseiros, as roupas emprestadas de familiares e amigos, e adotando tecidos sintéticos, mais leves, como brilhos e estampas. A chita, tecido bastante utilizado no nordeste, durante décadas serviu como matéria prima para confeccionar as populares caftas, longas, com ou sem mangas foram por muitas décadas o traje mais usado para esconder a identidade dos mascarados.

Nos anos 80 começam a ser empregados tecidos como o cetim e o lamê, fitas, brilhos e aos poucos as luvas foram substituindo as meias que eram utilizadas para esconder as mãos dos mascarados, além da utilização de um capuz em malha, que era vestido antes de se colocar a máscara no rosto. A máscara foi essencial na transformação e evolução das fantasias dos Papangus. Primeiro as de papel de embrulho, acompanhavam a utilização de roupas do cotidiano que eram emprestadas pelos familiares, mais tarde as máscaras de coité aos poucos substituem o papel. Por volta da década de 50 as máscaras feitas de jornal e cola, possibilitam o folião assumir de vez outras características e incorporar outras personagens. A medida que as fantasias ganhavam mais elementos e ficavam mais sofisticadas, revelando muito dos desejos ocultos por trás das máscaras, o Papangu usava do seu anonimato para satirizar a política e os tipos da sociedade. Nos anos 90, grupos de foliões transformam a forma

como o personagem se apresentava, cada vez mais apostando em temáticas para as fantasias, tornando os trajes mais elaborados, ricos em detalhes originando uma nova categoria de Papangu: o Papangu estilizado ou evolução, como é conhecido atualmente. Cada roupa tem sua biografia, mantendo uma relação com outros objetos e com pessoas. Ao se relacionar com objetos e pessoas, as fantasias produzem novas existências, que são compartilhadas através das experiências humanas. A análise dessas fantasias, pode fornecer dados como a tecnologia de manufatura, a matéria-prima, a qualidade e o tipo de acabamento, todos esses aspectos podem nos revelar muito da época que foi produzido. A observação das características físicas dos trajes analisados, permitiu por exemplo, perceber que durante os primeiros anos da década de 90 o cetim foi o material mais empregado na confecção dessas roupas, a construção de modelos mais volumosos e com muitas camadas, proporcionou uma maior leveza e sofisticação.

Outro exemplo da valorização dos materiais e da valorização do artista plástico, é a fantasia de 1994, que representava o Real, a nova unidade monetária. Nela o artista usou de tecidos, tintas, adereços e riquezas de detalhes para expressar o momento de mudança no qual o país estava inserido. Outro exemplo que reflete questões históricas é identificado na fantasia comemorativa aos 500 anos do descobrimento do Brasil, onde tecidos mais sofisticados como o veludo, compõem o traje de navegante, o uso da pluma antes presente apenas em desfiles de escolas de samba, aponta para mais uma transformação na forma de ver e produzir as fantasias, a influência da mídia tem seu papel na construção de uma nova identidade para o personagem principal da festa.

Temas como a seca e o regionalismo são recorrentes, muitas vezes como crítica a vida sofrida do nordestino ou a valorização da raiz cultural do nosso povo.

A internet foi fator decisivo para difundir e influenciar as novas roupagens adotadas por grupos de fantasiados. Quando analisa se as fantasias que representam a paixão pelo futebol, as críticas a vida política e econômica do país, problemas sociais e de saúde, percebe se que o folião está refletindo na sua forma de interagir com o mundo, uma leitura muito pessoal da realidade que o cerca e do contexto ao qual faz parte.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objeto de estudo voltou-se para analisar e compreender como as fantasias de carnaval, produzidas para os Papangus de Bezerros são capazes de revelar aspectos do desenvolvimento da localidade ao longo de décadas e como as identidades culturais e sociais dos grupos envolvidos foram construídas ao longo desse período da história. Definir o objeto e o recorte em meio à explosão de cores, formas, identidades, estilos e diversidades, elementos que estão presente no carnaval foi o primeiro desafio. Inicialmente, caminhei guiado pela curiosidade ao analisar o acervo do museu. Com fantasias e máscaras que sempre me encantaram. Inicialmente, apareceram os seguintes questionamentos: Quais seriam as décadas estudadas? Como esse estudo revelaria a mudanças da localidade?

A metodologia escolhida nos impulsionou a fazer leituras e estudos acerca do início das celebrações do carnaval no Brasil e no município, além de leituras aprofundadas sobre a importância dos materiais, de todo processo que envolve a produção e a relação do sujeito com o objeto.

As características materiais e simbólicas cumpriram seu papel como documento, revelando muito mais do que escondiam. Os resultados da pesquisa apontaram que desde as últimas décadas do século XIX, a população de Bezerros buscou através da cultura e indiretamente da sua materialidade, criar uma identidade única. Identidade essa que nos conduz por um processo de diálogo entre todas as partes envolvidas e seu ritual. Conectando o trabalho do homem, foi possível conhecer melhor esse ritual que envolve a relação do folião com os artefatos, transcorrendo pelo consumo, pela moda e chegando a fantasia de carnaval propriamente dita. Vale salientar que o objetivo desse estudo não foi discutir a origem do folguedo, nem a veracidade sobre as várias versões. Delimitamos a evolução do traje como ponto principal para vivenciar uma experiência mais real, tátil e próxima da história que cerca esses artefatos.

O papel desempenhado pelo designer, seja na criação de artefatos ou com a mensagem que deseja passar através de uma pesquisa é muito influenciado pelo tempo e a relação sociais entre as pessoas.

Apesar das dificuldades encontradas, referente a fontes escritas e a grande lacuna no acervo de imagens e peças expostas no museu. O trabalho pretende ajudar a futuras pesquisa

com um pequeno recorte da cultura local. Pesquisas que tenham em vista uma catalogação dessas imagens, principalmente para manter viva a história de um dos personagens mais importantes do carnaval de Pernambuco. Esse tipo de pesquisa que se desdobra sobre a cultura material e sua relação com o grupo inserido, são de extrema relevância para área de Design, pois podem fornecer subsídios teóricos e metodológicos que possibilitem identificar e analisar manifestações artísticas e da cultura material enquanto elementos da memória coletiva. Estimulando investigações que contribuam para uma melhor compreensão e valorização das origens daquilo que conhecemos hoje como cultura material, na tentativa de proporcionar uma melhor compreensão das relações entre história, memória e identidade no campo do design, colaborando para a compreensão do design como um dos lados do fenômeno maior da cultura. Em um desdobramento futuro, seria válido uma catalogação de todo o acervo disponível nas secretarias, museus, bibliotecas e principalmente acervos particulares na cidade de Bezerros. Durante as visitas foi possível observar a deterioração do acervo, principalmente por questões estruturais e de armazenamento.

O objetivo geral foi atingindo, mesmo com um acervo restrito podemos observar que as fantasias de carnaval de Bezerros carregam muitas características de seu povo e como o mascarado e retratado a cada ciclo carnavalesco, mantendo viva assim a história de um híbrido Papangu, que a cada ano incorpora mais elementos do mundo que o cerca construindo assim sua identidade.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, José de. **Cenograficamente, da cenografia ao figurino**. São Paulo: SESC, 2016.
- ARAÚJO, João Eduardo Farias de. **A Comédia dell'Arte no Lirismo do Carnaval de Pernambuco**. Recife: Baraúna, 2005.
- ARAÚJO, Hiram. **Carnaval - Seis mil anos de história**. São Paulo: Gryphos, 2000.
- ARAÚJO, Sivonaldo. **Máscaras de Bezerros**. Recife: Funcultura, 2007.
- BAKHTIM, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média: o contexto de Francois Rabelais**. São Paulo, 1993.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileira**. 6ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004
- FLÜGEL, J. C. **A Psicologia das Roupas**. São Paulo: Mestre Jou, 1966.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- MILLER, Daniel. **Trecos, Troços e Coisas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013
- NAÇÃO CULTURAL, 06.02.2009. Invadem Bezerros no Carnaval. Acessado em 13/04.2017. Disponível em: <http://www.nacaocultural.pe.gov.br/papangus-invadem-bezerros-no-carnaval>.
- AGÊNCIA FOLHA, 10/04/2017. Carnaval dos Papangus mantém tradição de festa no Agreste de PE. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u45816.shtml> Acessado em 14/04/2017.
- SOUTO MAIOR, Ronaldo José. **Bezerros, seus fatos e sua gente**. Recife : Ed. Do autor, 2005, Vol. I.
- GASPAR, Lúcia. Papangus de Bezerros, PE. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 12/05/2017 ano.